

## **A salubridade da Ilha de Santa Catarina: políticas higienistas e a construção da Avenida do Saneamento**

*The health of Santa Catarina island: Hygienic policies and the construction of Avenida do Saneamento*

Ana Luiza Goularti Brunel<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo analisar as mudanças que ocorreram no espaço central de Florianópolis durante o período compreendido entre as décadas finais do Império e as primeiras décadas do Regime Republicano no Brasil. Como tais transformações da paisagem urbana se relacionam com os discursos, práticas e interesses higienista e sanitaria que permearam a construção do espaço público. Personificadas na construção da Avenida Hercílio Luz, também conhecida como Avenida do Saneamento, essas medidas de saúde legitimaram o processo de “modernização” e urbanização da cidade ao mesmo tempo que a expulsão e exclusão de grupos sociais marginalizados.

**Palavras-chave:** Desterro; Saneamento; Reformas urbanas; Avenida Hercílio Luz.

**Abstract:** This paper aims to analyze the changes that occurred in the central urban space of Florianópolis during the period between the final decades of the Empire and the first decades of the Republican Regime in Brazil. How such transformations of the landscape relate to the hygienist’s and sanitary’s discourses, practices and interests that permeated the construction of public space. Embedded in the construction of Avenida Hercílio Luz, also known as Avenida do Saneamento, these health measures legitimized the process of “modernization” and urbanization of the city at the same time as the expulsion and exclusion of marginalized social groups.

**Keywords:** Desterro; Sanitation; Urban reforms; Avenida Hercílio Luz.

### **O pensamento higienista e a urbanização**

Se até a segunda metade do século XIX, as normativas sobre higiene e saúde urbana em Desterro, não se estendiam para além de “precárias campanhas de vacinação, regras para os funerais, determinações dos locais próprios para a instalação de hospitais, quarentenas a bordo dos navios que chegassem com doentes ao porto da cidade e campanhas de desinfecção, prevenção e profilaxias das doenças epidêmicas”<sup>2</sup>, as transformações realizadas em Paris pelo Barão Georges-Eugène Haussmann, prefeito da capital francesa entre 1853 e 1870, passam a servir como modelo cultural e de “civildade” para os brasileiros do século XIX e XX<sup>3</sup>.

---

1 Graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista do Programa de Educação Tutorial PET-História. E-mail: anabrunel@hotmail.com

2 VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: Memória Urbana**. 3 ed. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010. p. 132.

3 BORGHEZAN, João Luiz Fernandes. **Urbanização, Saneamento e Marginalização: uma análise da construção da Avenida Hercílio Luz 1918-1922**. TCC (Graduação), UFSC, 2014.

Essas transformações urbanas que vão ocorrer na França e posteriormente, no Brasil, são fruto de ações higiênicas, responsáveis por uma série de mudanças nos hábitos e na maneira de morar dos cidadãos. Essas ações, inicialmente se apoiavam na “teoria dos meios”, originalmente sistematizada por Hipócrates, ainda em 300 a. C., e tinham a escolha de locais e de planejamento das cidades baseada nos contornos da higiene pública. Tendo como princípio as novas técnicas de sociabilidade e de reorganização do espaço, “a teoria dos meios, que passou a ser denominada assim, somente no século XIX, relacionava as características do meio físico, como clima, posição geográfica, qualidade da água, às condições de saúde das cidades”<sup>4</sup>.

É portando sob a influência da teoria dos meios, ou dos miasmas<sup>5</sup>, que as práticas sanitárias, modificadoras do espaço urbano, vão buscar sanear os meios e diminuir os impactos de certas doenças transmitidas nos espaços públicos. “Os higienistas entendiam que, era necessário fazer circular todos os elementos da natureza, em especial o ar e a água. Dessa forma, a estagnação desses elementos era seriamente condenada, pelos preceitos de higiene por eles propostos”<sup>6</sup>.

Estas teses, profundamente defendidas na Europa vão ter grande repercussão no Brasil, inicialmente nas cidades que sofriam grandes problemas de ordem higiênica, especialmente em função das estruturas urbanas coloniais que não davam mais conta do aumento da população e geravam problemas de insalubridade e de propagação de epidemias. Essas medidas tinham como objetivo o controle higiênico, mas também, social e moral.

Foi nesse período de transformação de um país colonial a um país republicano, com a modificação das relações de produção escravista para essencialmente capitalista, que se deu o impacto do movimento sanitário no Brasil, com a implantação de políticas de reforma sanitárias em grande parte do território nacional<sup>7</sup>.

Como aponta João Luiz Borghezán<sup>8</sup> o discurso científico higienista europeu vai ser legitimado no Brasil pelas elites econômicas e intelectuais como verdadeiro, principalmente visando interesses próprios, para a modernização, progresso e civilidade das cidades.

A administração pública de Desterro, seguindo a tendência das grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, vai adotar as teorias científicas para tomar medidas em relação a

---

4 MÜLLER, Gláucia Regina Ramos. **A Influência do Urbanismo Sanitarista na Transformação do Espaço Urbano em Florianópolis**. Dissertação (Mestrado), USFC, 2002. p. 18.

5 Emanação a que se atribuía, antes das descobertas da microbiologia, a contaminação das doenças infecciosas e epidêmicas. (HOUAISS, 2001)

6 MÜLLER, 2002 p. 19.

7 Ibid., p. 28.

8 BORGHEZAN, 2014, p. 21



A salubridade da Ilha de Santa Catarina: políticas higienistas e a construção da Avenida do Saneamento - Ana Luiza Goularti Brunel  
contenção de epidemias e dos miasmas. As Posturas Municipais<sup>9</sup>, que regulavam amplamente, desde as atividades cotidianamente desenvolvidas no espaço público, até as questões ligadas à limpeza e construção de habitações, são fruto de “um padrão nacional de ordenamento dos centros urbanos e de vigilância do seu contingente populacional”<sup>10</sup>. O sanitarismo e higienismo social, portanto, não se restringiram somente ao controle epidêmico, mas constituíram um discurso sobre uma higienização moral. Curar a cidade não dizia respeito somente as doenças e epidemias patológicas, mas também a parte doente da sociedade, de forma que reformas urbanas sanitaristas deveriam preservar “o lado perfeito, saudável, em resumo, rico no centro das cidades”<sup>11</sup>.

Em seu importante *Ensaio sobre salubridade, estatística e pathologia da ilha de Santa Catarina e em particular da cidade do Desterro*, e publicado em 1864<sup>12</sup>, o Dr. João Ribeiro de Almeida, ao encontrar a cidade de Desterro em condições higiênicas “completamente menosprezadas”, não propõe menos que fazer-se “o mesmo que se fez em França: conhecer o mal em toda a sua extensão e remediá-lo tanto quanto seja possível, esclarecendo-se a população inteiramente ignorante a tal respeito e fazendo-se executar em todo o seu vigor as nossas leis gerais e municipais”<sup>13</sup>.

O médico esteve na cidade de Desterro por quatro anos a mando do governo Imperial, estudando as condições de higiene da cidade e, em seu levantamento, registra acerca da saúde pública, das condições climáticas e epidêmicas encontradas na Ilha de Santa Catarina, e particularmente, na cidade de Desterro<sup>14</sup>.

Portanto, o discurso científico higienista não se restringiu apenas a mudanças urbanas e espaciais, mas constituíram um discurso moral. Como aponta Almeida<sup>15</sup>, “a segurança do povo é a lei suprema”, e para fazer valer esse direito supremo, seria necessário o comprometimento nacional com a grande questão da salubridade e da higiene pública e privada, não só

---

9 Mais sobre legislações municipais que atuaram no processo de exclusão sócio-espacial no centro de Desterro ver: ANAISSI, Vinicius Possebon. Vivenciando uma cidade em transformação: cotidiano de classes populares no centro de Florianópolis (1899-1920). *Aedos*, v. 2, n. 4, p.309-317, Porto Alegre, nov. 2009. p.309-317.

10 GARCIA, Carla Laner. **Emanações perniciosas moralidade corrosiva**: Os desdobramentos do discurso científico no centro urbano de Nossa Senhora do Desterro (1831-1864). Dissertação (Mestrado), UFSC, 2006. p. 22.

11 BORGHEZAN, 2014, p. 15.

12 Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Setor de Obras Raras. ALMEIDA, João Ribeiro de. **Ensaio sobre a salubridade, estatística e patologia sobre a Ilha de Santa Catarina e em particular da cidade do Desterro**, 1864.

13 ALMEIDA, 1864, p. 17.

14 GARCIA, 2006, p. 36.

15 ALMEIDA, 1864, p. 02.

A salubridade da Ilha de Santa Catarina: políticas higienistas e a construção da Avenida do Saneamento - Ana Luiza Goularti Brunel  
higienizando o ambiente físico do centro da cidade, mas todo o caráter não limpo, salubre e seguro da sociedade de Desterro.

### **A construção da paisagem urbana de Florianópolis/SC**

A Ilha de Santa Catarina, ocupada desde o início do século XVI, teve sua fundação efetiva como póvoa de Nossa Senhora do Desterro no ano de 1662, e já então era profundamente estratégica como posto ancoradouro e de abastecimento no Atlântico Sul e no acesso à Baía do Rio da Prata. Nascida olhando para o mar, é notório que o porto teve fundamental influência no desenvolvimento da formação urbana de Desterro.

A parte mais importante e populosa da cidade se construiu, portanto entre as baías Norte e Sul, principalmente o lado leste da praça central, e se estendendo até o Morro da Cruz, no que Eliane Veras da Veiga identifica como sendo o triângulo central de Desterro. Esta região ao o lado da baía sul, possuía desde a ocupação de Desterro, quatro cursos de água. A localização destes cursos de água se distribui pelo espaço central de forma a estar, a Fonte Ramos, próxima a atual Rua 7 de Setembro, o Largo da Palhoça, atual Vidal Ramos, a do Campo do Manejo, próximo ao Instituto Estadual de Educação e, finalmente, a Fonte Grande, atual Avenida Hercílio Luz. Esses cursos de água, “todos muito acanhados, com exceção do último, que era mais abundante, e coberto de sujeira”<sup>16</sup>.

Estes córregos “também eram alvo dos despejos. Do mesmo córrego que os habitantes tiravam água para usos domésticos, servia para lavar roupa e recebia toda espécie de dejetos. Dessa forma, assim como acontecia nas praias, essas casas tinham os fundos voltados para esses cursos de água”<sup>17</sup> e, portanto, o grande número de habitações em péssimas condições, mal construídas, ausentes de abastecimento de água e esgoto, agravam-se ao estado de insalubridade da cidade.

O Dr. João Ribeiro de Almeida<sup>18</sup> evidência veementemente estas condições:

Estas margens quase desde a origem do arrio, servem de origem de imundices, mas é sobretudo da rua do Vigário para o mar, que se observa em maior escala semelhante abuso. O que aqui se vê é realmente inaudito; por toda a parte montes de lixo já estratificados; lagos de urina podre em alguns pontos (na beira de um riacho!); aqui e ali cadáveres dispersos de cães, gatos, ratos, galinhas & em períodos mais ou menos avançados de putrefacção; restos de tudo, objetos putrescíveis ou não, tudo aqui se encontra; até já tive ocasião de

---

16 MÜLLER, 2002, p. 63.

17 Ibid., p. 66.

18 ALMEIDA, 1864, p. 45.



ver um colchão de cama de casados apodrecer lentamente em uma poça d'água e urina. Isto tem lugar no centro de uma cidade!

Apesar de ser um relato de testemunha ocular, o ensaio do Dr. Almeida não deixa de ser subjetivo e, portanto, é importante entender o documento a partir do lugar de onde ele está sendo proferido, assim como seus objetivos e implicações na realidade material. Sendo um instrumento de poder e dominação, o saber científico se instituiu como um discurso legitimador, relacionado a política e a manutenção de uma certa ordem pública e de controle da população.

É fundamental também apontar a descrição que o médico vai fazer dos três bairros “de triste aparência, onde se acham reunidos todos os elementos de insalubridade”<sup>19</sup>. São estes bairros a “Toca, Pedreira (com os becos adjacentes à Tronqueira) e finalmente a famosa Figueira. Encontram-se nestes bairros casinhas bem inferiores as senzalas de pretos em certas fazendas; tão pequenas, imundas, esburacadas e enfumaçadas são elas”<sup>20</sup>.

O primeiro deles, situado na encosta do morro do Menino Deus, constituído por pequenas casas, superlotadas, é majoritariamente habitado por pescadores e lavadeiras, trabalhadores do Mercado Público. “Resulta disto, que a umidade, que pouco a pouco vai evaporando, satura o ar e impregna tudo até a própria cama. Além da roupa lavada, guarda-se nessas casas peixe e os utensílios de pesca, tudo molhado e exalando cheiro característico de maresia”<sup>21</sup>.

Já os cortiços da Tronqueira e Pedreira “espécies de colmeias, somente ocupadas por zangões, são os quartos ou cubículos nojentos habitados promiscuamente por 6, 8 e 10 pessoas às vezes sem distinção de sexo nem idade; de modo que tem aqui as crianças uma famosa escola prática de imoralidade e devassidão”<sup>22</sup>.

Por fim, o bairro da Figueira, em condições um pouco melhor que a dos outros dois,

é habitado em grande parte por meretrizes da mais baixa classe, que aqui vivem aos grupos em casinha [...]. Bairro tenebroso, onde o assassinato não é extremamente raro e onde os que nele tentam aventuras se não perdem a vida ou a bolsa, pelo menos sofrem gravemente na saúde; eis o que acontece a soldados e marinheiros<sup>23</sup>.

---

19 ALMEIDA, 1864, p. 42.

20 Ibid., p. 42.

21 Ibid., p. 44.

22 Ibid., p. 45.

23 Ibid., p. 46.

A salubridade da Ilha de Santa Catarina: políticas higienistas e a construção da Avenida do Saneamento - Ana Luiza Goularti Brunel

Muitas das mulheres, segundo o médico autor do ensaio, “grandes megeras”, moram às vezes em uma só casa “com a volubilidade e imundícias próprias de tal gente”<sup>24</sup>. Resulta disto que são grandes os focos de infecções, especialmente de sífilis e de escândalos, em dito bairro. É por este motivo, talvez, que em seu levantamento sobre as doenças mais comuns a população da ilha, ao tratar especificamente da sífilis, Almeida enfatize profundamente o papel que as mulheres em situação de prostituição têm na disseminação da doença, e apesar disso, “dotadas de proverbial inconstância de caráter, as prostitutas em geral não se sujeitam por muito tempo a um tratamento regular, e muitas vezes acabam miseravelmente no hospital, para onde são conduzidas quando já nenhum recurso lhes poderá ser administrado utilmente”<sup>25</sup>.

Esses bairros e as populações que neles habitam e circulam, estão diretamente ligados com intensificação das atividades portuárias a partir da segunda metade do século XIX, os investimentos em áreas de urbanização do centro e o aumento da especulação imobiliária na área.

A construção de um espaço físico que funcionasse como o primeiro Mercado Público, por exemplo, que foi concluído em 1850 e inaugurado em 1851 na parte mais baixa do largo da Matriz<sup>26</sup>, faz parte deste processo de urbanização e modernização da cidade, e que se entrelaça com a organização urbana e social da Ilha.

Os discursos da higienização e estetização do espaço urbano funcionam como desculpa para a discriminação de grupos sociais que já são marginalizados, e acabam por propor soluções urbanas e arquitetônicas para problemas que são de ordem social, política e econômica. As pessoas mais pobres e escravizadas que viviam dos pequenos trabalhos nas ruas – as mulheres especialmente, que trabalhavam em barraquinhas como lavadeiras, vendedoras e quituteiras<sup>27</sup> – foram, com a construção do primeiro Mercado Público e as medidas de higienização dos espaços públicos centrais de Desterro, expulsas dos seus espaços de trabalho e subsistência.

Conforme o século avança, o porto vai, entretanto, perdendo a influência econômica, especialmente em função de seu despreparo estrutural para receber navios cada vez maiores e tecnológicos. Segundo Veiga<sup>28</sup>, é somente após a proclamação da República que Santa Catarina e principalmente a capital, “adquiriram outra fisionomia, desenvolvendo-se e progredindo mais

---

24 ALMEIDA, 1864, p. 46.

25 Ibid., p. 70.

26 Mais sobre o Mercado Público e trabalho ver: POPINIGIS, Fabiane. "Aos pés dos pretos e pretas quitandeiras": Experiências de trabalho e estratégias de vida em torno do primeiro Mercado Público de Desterro (Florianópolis) e seus arredores 1840-1890. *Afro-Ásia*, n. 46, p. 193-226, Salvador, 2012. p. 193-226.

27 Mais sobre as mulheres que faziam da rua seus lugares de trabalho ver: PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

28 VEIGA, 2010, p. 72.

A salubridade da Ilha de Santa Catarina: políticas higienistas e a construção da Avenida do Saneamento - Ana Luiza Goularti Brunel  
no decênio de 1890-1900 do que durante os sessenta e sete anos experimentados como Província do Império”. O movimento reformador urbano adquire especial força quando ocorrem mudanças na organização político-institucional, especialmente no que diz respeito a “divisão de responsabilidades entre o governo central, as províncias e as municipalidades na administração dos negócios referentes à saúde da população e à salubridade das cidades”<sup>29</sup>.

Como aponta Dilma Cabral<sup>30</sup>, é em 1886 que o decreto n. 9.554, reestrutura os serviços sanitários do Império, e os divide entre os terrestres e os marítimos, colocando a Inspetoria-Geral de Higiene como responsável pelo primeiro, e a Inspetoria-Geral de Saúde dos Portos, pelo segundo. “Pela nova estrutura, na Corte o serviço sanitário terrestre ficava responsável pelas atividades de propagação da vacina, enquanto o serviço sanitário dos portos respondia pelo socorro médico e pela polícia sanitária dos navios, ancoradouros e litoral, além das quarentenas marítimas”<sup>31</sup>.

Ainda antes da virada do século, em fevereiro de 1897 as Inspetorias Gerais de Saúde se uniram em um só órgão nacionalmente, a Diretoria-Geral de Saúde Pública, que por meio de um decreto em janeiro de 1920, é extinta, reorganizando os serviços sanitários federais sob o Departamento Nacional de Saúde Pública, órgão que era subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores<sup>32</sup>.

É necessário, portanto, entender o efeito político das epidemias e das medidas sanitaristas e higienistas de controle epidêmico e social, e como elas atuaram na reestruturação do espaço urbano de Desterro e em uma segregação sócio-espacial que teve como efeito a discriminação de grupos sociais, já então marginalizados, e o favorecimento dos interesses de uma minoria privilegiada e que controlava econômica e politicamente a cidade.

## **A Avenida do Saneamento**

A compreensão de como os discursos, práticas e interesses higienistas e sanitaristas se articularam no passado e provocaram mudanças que são visíveis ainda hoje, ajudam no entendimento do processo de marginalização e segregação social e espacial que tomou lugar no espaço central de Desterro.

---

29 CABRAL, Dilma. **Inspeções de Saúde dos Portos**. 2019, s/p.

30 Ibid., s/p.

31 Ibid., s/p.

32 Idem, **Inspetoria-Geral de Saúde do Porto do Rio de Janeiro/Inspetorias de Saúde dos Portos [dos estados] (1889-1930)**, 2019, s/p.



Nesse sentido, a construção da Avenida Hercílio Luz, também conhecida como Avenida do Saneamento, entendida como “a pedra angular da higiene e modernização” das reformas urbanas na capital<sup>33</sup>, se encaixa em uma retórica que se relaciona com o discurso sanitarista, e mesmo estando temporalmente distante do ensaio do Dr. João Ribeiro de Almeida, é fruto de ideias que se estabelecem na ordem e imaginário público, se fazendo resultado das longas ligações que se estendem ao longo da história.

Em 1918, quando Hercílio Pedro da Luz, engenheiro e político influente na Província de Santa Catarina, assume o governo do estado já pela segunda vez, o movimento reformador urbano e a construção civil se tornam grandes suportes econômicos e políticos da cidade de Florianópolis<sup>34</sup>. Portanto, “as obras de viação que ligariam as macrorregiões de Santa Catarina por completo, era uma grande preocupação de seu governo; com elas Hercílio buscava centralizar o Estado, o mais amplamente possível, sob domínio do Partido Republicano”<sup>35</sup>.

A criação do Serviço de Higiene do Estado, também em 1918, foi importante para a realização de obras que iam desde a

[...] complementação da rede de água, implantação da rede elétrica, de esgoto, enxugo do solo, drenagem dos terrenos úmidos e pantanosos, limpeza dos rios e valas, remoção e destino do lixo, calçamento e arborização, limpeza das vias públicas, instalação de equipamentos sanitários e mictórios públicos; e, até mesmo, demolição de algumas edificações – os cortiços – considerados insalubres<sup>36</sup>.

Portanto, problemas relativos à saúde, doença, controle de epidemias e endemias, juntamente a medidas sanitaristas receberam atenção total do governador, e tornaram-se focos da administração hercilista<sup>37</sup>.

Para a modernização, embelezamento e saneamento da capital a construção de uma grande obra que melhorasse as condições higiênicas da cidade além de beneficiar a população da Ilha, seria fundamental para a consolidação de Florianópolis como capital de Santa Catarina. A escolha da canalização de toda a extensão do Rio da Fonte Grande, na região do centro, pensada desde 1887, conseqüentemente teve grande impacto “[...] não somente do ponto de

---

33 BORGHEZAN, 2014, p. 8.

34 Desterro teve seu nome alterado para Florianópolis, como homenagem a Floriano Peixoto, em 1º de outubro de 1894, ainda no primeiro mandato (1894-1898) de Hercílio Pedro da Luz como governador de Santa Catarina.

35 BORGHEZAN, 2014, p. 27.

36 MÜLLER, 2002, p. 104.

37 BORGHEZAN, 2014, p. 27.



A salubridade da Ilha de Santa Catarina: políticas higienistas e a construção da Avenida do Saneamento - Ana Luiza Goularti Brunel  
vista sanitário, mas principalmente do ponto de vista urbano, exercendo profunda modificação no traçado e na paisagem local”<sup>38</sup>.

No entanto, para que o rio fosse canalizado e a avenida fosse construída, centenas de “casebres” e “cortiços”, ocupados pelas parcelas mais pobres da população, deveriam ser demolidos e assim o problema social causado pela falta de moradia se soma as consequências das políticas higienistas e sanitárias. A situação de marginalidade, segregação e insalubridade já mencionadas e que são descritas no *Ensaio sobre salubridade*, do Dr. João Ribeiro de Almeida, embora se refiram a um período um pouco anterior, ainda tratam de condições de vida da população que se estendem até as décadas de 1920<sup>39</sup>.

Logo, a destruição dessas moradias, além de causar a migração de pessoas dentro da cidade vai causar um grande problema econômico, já que Códigos de Posturas e Regulamentos Sanitários municipais, dificultavam a construção de novas moradias e mesmo a locação de quartos já existentes. Além disso, o aumento da demanda também influenciava nos preços dos aluguéis, o que contribuía para o crescimento da especulação imobiliária nestas áreas centrais. Como as opções de deslocamento entre o centro e interior da Ilha também eram precárias, ocupar o interior não era uma alternativa para as pessoas que tinham sua fonte de renda do movimento do centro ou possuíam suas freguesias quase todas nessa região<sup>40</sup>.

A solução planejada pela administração da cidade “era a de construir casinhas de madeira nos arredores da cidade e as áreas mais próximas seriam as encostas dos morros limítrofes à Avenida Hercílio Luz”<sup>41</sup>, o que oferecia muitas vantagens para empresários e construtores, em resumo, a elite local. Essa proposta demonstra como os interesses particulares e do poder público, através de discursos e práticas higienistas e sanitárias, legitimaram o processo de “modernização” e urbanização da cidade ao mesmo tempo que expulsaram e excluíram destas áreas centrais grupos sociais marginalizados.

## Considerações finais

O pensamento higienista, profundamente defendido na Europa e que toma forma especialmente com as obras públicas de modernização de Paris, promovidas pelo prefeito Georges-Eugène Haussmann, vai chegar ao Brasil ainda no século XIX e servir como modelo

---

38 MÜLLER, 2002, p. 89-90.

39 BORGHEZAN, 2014, p. 61.

40 Ibid., p. 67-68.

41 Ibid., p. 69.



A salubridade da Ilha de Santa Catarina: políticas higienistas e a construção da Avenida do Saneamento - Ana Luiza Goularti Brunel

cultural e de “civilidade” para as elites econômicas e intelectuais nacionais. Influenciado pela teoria dos meios, ou dos miasmas, o higienismo e o sanitarianismo vão incentivar modificações no espaço urbano, buscando sanear os meios e diminuir os impactos de doenças e epidemias que tomavam conta dos espaços públicos.

Entretanto, as reformas nas estruturas urbanas coloniais, que não davam mais conta do aumento da população acabavam gerando grandes problemas de insalubridade e de propagação de epidemias, tinham como objetivo além do controle sanitário uma higienização social e moral, não se restringindo somente ao controle epidêmico mas construindo um discurso de higienização moral. Dessa forma, “a medicina se institucionalizou com o respaldo da política, a partir das ações que estão sob o controle do Estado. [...] Para tanto, o Estado atuou como o seu principal arauto, consoante ao discurso e modelo de conhecimento veiculado pela medicina e suas instituições<sup>42</sup>.

O *Ensaio sobre salubridade, estatística e pathologia da ilha de Santa Catarina e em particular da cidade do Desterro*, e publicado em 1864<sup>43</sup>, pelo Dr. João Ribeiro de Almeida, ao estudar as condições de higiene da cidade de Desterro, registra acerca da saúde pública, das condições climáticas e epidêmicas encontradas na Ilha de Santa Catarina. Sua obra se relaciona com os discursos, práticas e interesses higienistas e sanitarianos e articulam mudanças no espaço que são visíveis ainda hoje e integram o processo de marginalização e segregação social e espacial que tomou lugar no espaço central de Desterro.

A construção da Avenida Hercílio Luz, também conhecida como Avenida do Saneamento, se estabelece como parte do processo de longa duração do desdobrar da história e é fruto de ideias que se estabeleceram na ordem e imaginário público sobre a higiene e modernização. É sob a justificativa da necessidade de modernização e saneamento que o Rio da Fonte Grande, na região do centro de Desterro, vai ser canalizado para dar lugar a uma grande obra urbana, modificando a cidade, não somente do ponto de vista sanitário, mas também socio-espacial.

Os “casebres” e “cortiços”, que dividiam espaço entre as margens das águas são demolidos e deixam a população mais pobre e marginalizada da cidade refém dos alugueis de novos quartos e da especulação imobiliária que só beneficia aqueles que são empresários e construtores, ou seja, a elite local.

---

42 GARCIA, 2006, p. 15.

43 Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Setor de Obras Raras. ALMEIDA, João Ribeiro de. **Ensaio sobre a salubridade, estatística e patologia sobre a Ilha de Santa Catarina e em particular da cidade do Desterro**, 1864.

Dessa forma, as mudanças que ocorreram no espaço urbano central de Florianópolis se relacionam com as práticas e interesses higienista e sanitaria, que legitimado pelas elites econômicas e intelectuais, principalmente em vista de interesses próprios, permearam a construção do espaço público. E como resultados do discurso que se estende pela longa duração do tempo da história, a construção da Avenida Hercílio Luz, se faz na espacialização da segregação.

## Referências

ANAISSE, Vinicius Possebon. Vivenciando uma cidade em transformação: cotidiano de classes populares no centro de Florianópolis (1899-1920). **Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, v. 2, n. 4, p.309-317, nov. 2009. Semestral. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/10623/7005> Acesso em 30 jan. 2020.

BORGHEZAN, João Luiz Fernandes. **Urbanização, Saneamento e Marginalização: uma análise da construção da Avenida Hercílio Luz 1918-1922**. 2014. 85 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/131739/TCC%20Joao%20Luiz%20F.%20B.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 30 out. 2019.

CABRAL, Dilma. **Diretoria-Geral de Saúde Pública**. 2019. Disponível em <http://mapa.an.gov.br/index.php/component/content/article?id=567> Acesso em 30 out. 2019.

CABRAL, Dilma. **Inspecões de Saúde dos Portos**. 2019. Disponível em <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/328-inspecoes-de-saude-dos-portos> Acesso em 30 out. 2019.

CABRAL, Dilma. **Inspetoria-Geral de Saúde do Porto do Rio de Janeiro/Inspetorias de Saúde dos Portos [dos estados] (1889-1930)**. 2019. Disponível em <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/583-inspetoria-geral-de-saude-do-porto-do-rio-de-janeiro-inspetorias-de-saude-dos-portos-dos-estados> Acesso em 30 out. 2019.

GARCIA, Carla Laner. **Emanações perniciosas moralidade corrosiva: Os desdobramentos do discurso científico no centro urbano de Nossa Senhora do Desterro (1831-1864)**. 2006. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal da Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/30369336.pdf> Acesso em 30 out. 2019.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MÜLLER, Glaucia Regina Ramos. **A Influência do Urbanismo Sanitarista na Transformação do Espaço Urbano em Florianópolis**. 2002. 137 f. Dissertação (Mestrado) -



A salubridade da Ilha de Santa Catarina: políticas higienistas e a construção da Avenida do Saneamento - Ana Luiza Goularti Brunel

Curso de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83510/195469.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 out. 2019.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

POPINIGIS, Fabiane. "Aos pés dos pretos e pretas quitandeiras": Experiências de trabalho e estratégias de vida em torno do primeiro Mercado Público de Desterro (Florianópolis) e seus arredores 1840-1890. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 46, p. 193-226, 2012. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0002-05912012000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912012000200006&lng=en&nrm=iso) Acesso em 30 out. 2019.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis**: Memória Urbana. 3 ed. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010, 464p.

### Fontes

ALMEIDA, João Ribeiro de. **Ensaio sobre salubridade, estatística e pathologia da ilha de Santa Catarina e em particular da cidade do Desterro**. Nossa Senhora do Desterro, Typ. J.J. Lopes, 94 p., 1864, apud, CARNEIRO, A. Enciclopédia de Santa Catharina, vol. 13. (cópia datilografada – Setor de obras raras – Biblioteca Central – UFSC).

---

Recebido em 14 de julho de 2020.

Aceito para publicação em 03 de agosto de 2020.

